



Flávio Nunes
*CEGOT – Centro de Estudos em Geografia e
Ordenamento do Território*
flavionunes@geografia.uminho.ptl

A mobilidade académica de estudantes e a inserção profissional: o caso dos licenciados em Geografia e Planeamento

Ensino da Geografia e Processo de Bolonha

Resumo

Este estudo procura avaliar os resultados que advêm da participação dos estudantes do ensino superior em programas/iniciativas de cooperação e mobilidade académica, sobretudo ao nível das eventuais repercussões sentidas nas subsequentes trajetórias de inserção sócio-profissional.

O universo de análise consistiu nos licenciados que, entre 2000 e 2006, concluíram a sua formação académica em Geografia e Planeamento na Universidade do Minho e que optaram por fazer parte do seu plano de estudos em Universidades estrangeiras, com as quais o Departamento de Geografia tem protocolos bilaterais de intercâmbio académico de estudantes, ao abrigo do Programa Sócrates/Erasmus. Junto desses alunos procurou-se identificar motivações à mobilidade; grau de cumprimentos das expectativas iniciais; dificuldades sentidas durante o intercâmbio; competências desenvolvidas; e repercussões no percurso académico e profissional.

Palavras-chave: mobilidade académica; programa Erasmus, integração profissional, competências

1. A mobilidade de estudantes: repercussões na economia e mercado de trabalho

Face ao progressivo aumento de licenciados e à dificuldade que alguns grupos profissionais defrontam na integração no mercado de trabalho, tende a assistir-se à valorização de novos requisitos nos processos de recrutamento. Hoje em dia os gestores de recursos humanos de muitas empresas tendem a considerar, entre os critérios de avaliação dos candidatos que se apresentam a uma vaga de emprego, novos requisitos que vão muito para além dos conhecimentos específicos e metodologias de trabalho adquiridas na sequência de uma formação universitária. É o caso, por exemplo, das competências relacionais; do espírito de iniciativa; da capacidade de adaptação a novos contextos; da flexibilidade na integração em equipas multinacionais; ou da fluência na oralidade e escrita de línguas estrangeiras (Teichler, 2001; Kehm, 2005; Bracht *et al.*, 2006). Competências que tendem a ser especialmente estimuladas aquando da participação dos estudantes em programas de mobilidade académica, como é o caso do Programa Sócrates/Erasmus. Um programa de incentivo à mobilidade académica, que desde a sua criação, em 1987, foi já responsável pela mobilidade de mais de 2 milhões de estudantes entre mais de 4000 instituições europeias de ensino superior (CE, 2009-a).

Estas práticas de intercâmbio durante o percurso académico tendem a ser politicamente incentivadas, quer pelos países de origem ou de destino, em grande parte por contribuírem para o objectivo da progressiva integração dos mercados que está na base do processo de globalização económica em curso (Altbach, 2004; Kehm, 2005). O aprofundamento dessa integração exige o cruzamento de conhecimentos linguísticos e culturais entre países parceiros¹, os quais tendem a ser facilmente transmitidos e adquiridos durante estes períodos de intercâmbio que ocorrem por motivo de estudos. Segundo Tremblay (2002) a longo prazo este cruzamento de conhecimentos revela-se posteriormente benéfico no favorecimento de trocas comerciais e no desenvolvimento de projectos de negócios internacionais (esta é a razão da política Australiana de admissão, a larga escala, de estudantes oriundos de países asiáticos²).

Um outro aspecto da mobilidade de estudantes de especial relevância para os países de acolhimento relaciona-se com o facto da recepção de estudantes estrangeiros constituir, em muitos casos, um meio para promover o acréscimo da procura interna. O que pode constituir um factor relevante para a dinamização da economia local, ao favorecer um aumento das despesas em alojamento, restauração, comércio, serviços culturais e de lazer, entre outros³. Por sua vez, e na perspectiva do país emissor destes fluxos, um aspecto da mobilidade académica de estudantes especialmente valorizado passa por ser uma forma de favorecer a transferência internacional de conhecimento e de tecnologia, o que se pode revelar bastante benéfico para o país de origem aquando do regresso do estudante. Contudo há sempre o risco de alguns desses estudantes serem 'capturados' pelo mercado de trabalho do país de acolhimento, optando por

¹ Aquilo a que Mechtenberg e Strausz (2007) referem como sendo o desenvolvimento de competências multi-culturais, e que segundo Kehm (2005) são estimuladas quer nos estudantes que se movem quer naqueles que os acolhem e com os quais confraternizam no país destino.

² Austrália é o quinto país do mundo (a seguir aos EUA, Reino Unido, Alemanha e França) que mais estudantes estrangeiros capta para o seu sistema de Ensino Superior (Kehm, 2005).

³ Segundo Altbach (2004) os estudantes estrangeiros representam um contributo anual superior a 12 biliões de dólares para a economia americana.

não exercerem no país de origem a actividade profissional em que se especializaram. A este respeito importa referir que a mobilidade de estudantes é em muitos casos predecessora da mobilidade dos profissionais altamente qualificados, não apenas porque facilita a procura de trabalho num contexto internacional, mas também porque constitui, em muitos casos, um primeiro passo do fenómeno conhecido como ‘fuga de cérebros’.

Num processo de procura de emprego num país estrangeiro, os empresários desse país ao integrarem trabalhadores externos de alto nível de qualificação tendem a preferir os que aí fizeram parte dos seus estudos (Tremblay, 2002), não só pelo domínio da língua mas por alguma familiaridade que já revelam em relação a comportamentos e hábitos locais, garantindo-lhes assim maior sucesso na sua integração. Segundo Kehm (2005) a mobilidade internacional de estudantes triplica a probabilidade de se tornarem trabalhadores estrangeiros, para além de lhes conceder uma melhor preparação para o desempenho de tarefas profissionais cuja execução envolva interações internacionais.

Por outro lado, não pode ser esquecida que uma parte considerável da ‘fuga de cérebros’ dos países em desenvolvimento para os mais desenvolvidos decorre de uma deslocação inicialmente feita por motivos de estudo, e que, segundo Teichler (1996) tende a ser mais longa comparativamente aos intercâmbios académicos que ocorrem entre países com nível de desenvolvimento semelhante. Como forma de reter profissionais altamente qualificados, sobretudo em áreas de especialização não satisfeitas pelo mercado interno⁴, muitos países acolhedores facilitam a integração no mercado de trabalho de estudantes oriundos de países com níveis de desenvolvimento sócio-económico mais reduzidos, por vezes durante o próprio percurso formativo, quer através da participação em projectos de investigação quer através de um enquadramento legal que lhes permita exercer formas de trabalho em contexto empresarial.

No contexto internacional os EUA dominam o mercado da mobilidade internacional de estudantes do ensino superior, acolhendo mais de ¼ dos estudantes estrangeiros de todo o mundo, em grande medida pela excelência da qualidade do ensino (Altbach, 2004; Verbik e Lasanowski, 2007)⁵. Contudo outros países têm vindo recentemente a reconhecer o potencial inerente a este tipo de mobilidade, investindo avultadas quantias na qualificação dos seus sistemas universitários de ensino e investigação e na sua adequação ao acolhimento de estudantes estrangeiros, assim como na divulgação de outros factores relevantes na captação destes fluxos, como sejam propinas mais competitivas; custo de vida mais acessível; mais e melhores oportunidades de emprego para um posterior ingresso no mercado de trabalho; ou a qualidade da ‘experiência estudantil’ que inclui as condições de alojamento ou as actividades sociais e culturais disponíveis.

Na União Europeia a mobilidade de estudantes do Ensino Superior tem sido especialmente dinamizada pelo Programa ERASMUS⁶, que desde 1987 tem criado condições institucionais e financeiras favoráveis à cooperação e intercâmbio académico entre instituições

⁴ Como é o caso das Engenharias ou das ciências informáticas nos Estados Unidos da América (Altbach, 2004).

⁵ Segundo Altbach (2004) 55% dos estudantes estrangeiros nos EUA provêm da Ásia, sendo os cinco principais emissores a Índia, a China, a Coreia do Sul, o Japão e Taiwan.

⁶ Entre 1987 e 1995 o enquadramento institucional era dado pelo Programa ERASMUS; de 1995 a 2000 vigorou o Programa SÓCRATES I - Erasmus; de 2000 a 2007 o Programa SÓCRATES II – Erasmus; e desde 2007 até 2013 o enquadramento a este tipo de mobilidade passou a ser dado pelo Programa LLP (*Lifelong Learning Programme*) - Erasmus.

universitárias europeias⁷. O seu objectivo, ambicioso⁸, é conseguir que 10% dos estudantes europeus do ensino superior façam um período de estudos no estrangeiro durante o seu percurso académico (Kehm, 2005), procurando criar experiências pessoais de outras realidades sócio-culturais europeias no sentido de desenvolver um sentido mais forte de identidade europeia. Mais recentemente o Programa ERASMUS MUNDUS tem, desde 2004, procurado contribuir para a atracção de estudantes sobretudo do exterior da Europa, de modo a que o sistema europeu de ensino superior consiga adquirir um grau de atracção mundial.

2. Objectivos da investigação e considerações metodológicas

Seguindo uma abordagem metodológica especialmente centrada na aplicação de entrevistas, este estudo procura identificar e sistematizar vantagens ao nível da empregabilidade, decorrentes da participação de estudantes do ensino superior no programa ERASMUS. Especificamente esta investigação procura avaliar experiências de mobilidade internacional, a partir de um estudo de caso feito junto dos alunos de 'Geografia e Planeamento' da Universidade do Minho. A análise dessas experiências de mobilidade procurou atingir quatro objectivos principais:

- avaliar em que medida a previsão de eventuais benefícios destes intercâmbios na futura inserção no mercado de trabalho, está presente entre as principais motivações e expectativas que estão na origem da decisão de estudar no estrangeiro;
- conhecer as principais barreiras à mobilidade internacional de estudantes;
- identificar as principais competências desenvolvidas no decurso destas experiências de intercâmbio;
- analisar as repercussões da mobilidade de estudantes no seu processo de integração no mercado de trabalho e percurso profissional.

Tendo a licenciatura em Geografia e Planeamento surgido em 1996 e os primeiros intercâmbios de estudantes ocorrido no ano lectivo 1999/2000, optou-se neste estudo por analisar as experiências de mobilidade ocorridas entre 1999/2000 e 2006/07, por se encontrarem enquadradas Programa Sócrates – Erasmus. As experiências de mobilidade iniciadas em 2007/08 não serão consideradas neste estudo pois têm um novo enquadramento institucional, o

⁷ Importa também referir que todas as alterações institucionais decorrentes da implementação do processo de Bolonha, ao contribuírem para harmonizar os diferentes sistemas universitários europeus (sobretudo com a introdução do Sistema Europeu de Transferência de Créditos que facilita a concessão de equivalências entre Universidades de diferentes países), vieram criar melhores condições para incentivar um crescimento da mobilidade de estudantes no quadro Europeu.

⁸ Segundo dados referentes ao ano lectivo 2007/2008 a adesão ao programa Erasmus não chegava ainda a 1% (0,85%) dos estudantes europeus do Ensino Superior (CE, 2009-b). De entre os 31 países que participam neste programa de intercâmbio Portugal ocupava em 2007/08 a 8ª posição, com 1,3% do total de estudantes no Ensino Superior português com a categoria de alunos de saída Erasmus.

Programa LLP-Erasmus que vigorará até 2013⁹. Se até 2007 este programa de cooperação e mobilidade académica visava sobretudo a possibilitar a realização de um período de estudos reconhecidos, entre 3 meses a 1 ano académico, numa Universidade de outro país europeu; com o Programa LLP-Erasmus este passou a permitir agora a realização de um período de estudos numa Universidade parceira de outro país europeu e/ou a realização de um estágio curricular em ambiente empresarial. Esta alteração vem demonstrar o reconhecimento político das instituições europeias para a importância da mobilidade internacional de estudantes no aprofundamento do processo de integração económica do espaço europeu. Para além de facilitar o conhecimento de outras línguas e culturas europeias o que permite a construção de uma Europa mais unida na sua diversidade, a nova versão deste programa pretende facilitar ainda mais o contributo deste programa para o conhecimento de outras tecnologias e métodos de trabalho que favoreçam uma maior empregabilidade futura, não só em mercados nacionais mas também estrangeiros.

Foram entrevistados 15 dos 39 estudantes (quase 2/5 do total) que correspondem ao nosso universo de análise. Antes de se proceder à apresentação dos resultados provenientes da análise de conteúdos efectuada às respostas obtidas nessas entrevistas¹⁰, apresenta-se uma breve caracterização do intercâmbio Erasmus para a totalidade dos licenciados em Geografia e Planeamento que entre 1999/2000 e 2006/2007 participaram neste programa de mobilidade académica.

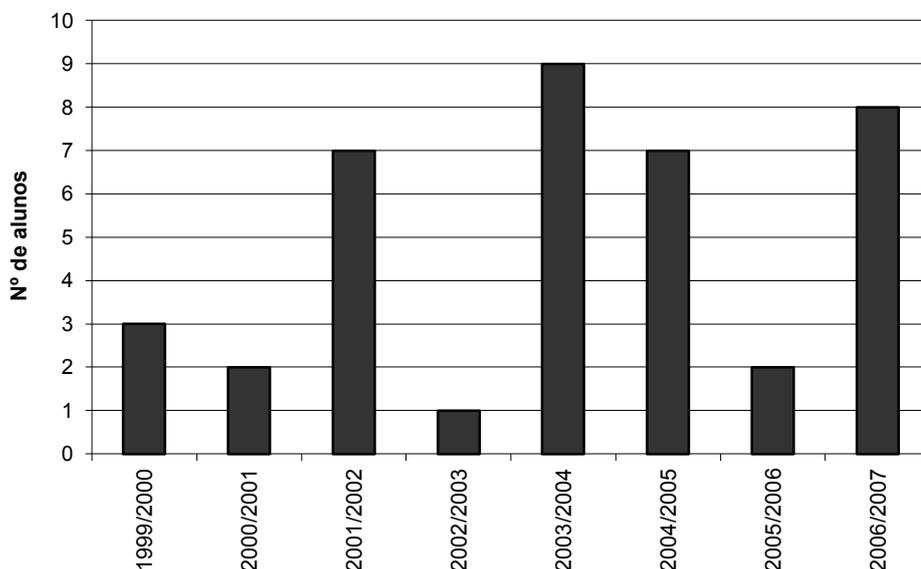
3. A participação no Programa Erasmus por parte dos licenciados em Geografia e Planeamento da Universidade do Minho

Em média, e durante o período considerado, participaram anualmente 5 alunos deste curso superior no Programa Erasmus (alunos de saída Erasmus), tendo o mínimo de participação ocorrido em 2002/2003 com a saída de apenas 1 aluno, e o máximo foi registado no ano lectivo seguinte com a saída de 9 alunos (Figura 1). Dos 340 licenciados em Geografia e Planeamento pela Universidade do Minho entre 1999/2000 e 2006/2007 um total de 39 efectuaram parte dos seus estudos numa Universidade parceira de outro país europeu, o que corresponde a 11,5% do total. Este valor demonstra o contributo bastante positivo deste curso face à meta traçada para a desejada participação no Programa Erasmus na totalidade do ensino superior europeu (10% do total de estudantes).

⁹ Por outro lado importa referir que a partir de 2007/2008, inclusive, os licenciados deste curso passaram a ter apenas 3 anos de estudos, na sequência da adequação da licenciatura ao Processo de Bolonha.

¹⁰ São usados nomes fictícios na identificação dos extractos narrativos usados neste estudo.

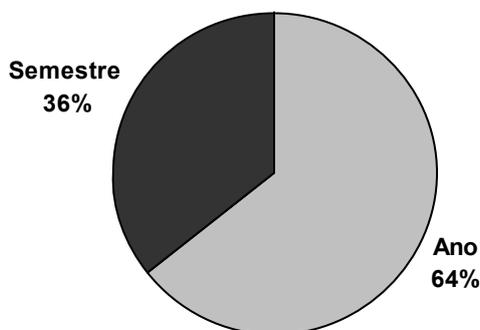
Figura 1. Evolução dos alunos de saída Sócrates/Erasmus da Licenciatura em Geografia e Planeamento de 1999/2000 a 2006/2007



Fonte: dados recolhidos junto do Gabinete de Relações Internacionais da Universidade do Minho

Na maioria dos casos (Figura 2) tratam-se de intercâmbios que se prolongam por um ano lectivo completo (quase 2/3 do total de saídas), o que denota o empenho destes alunos em procurar tirar o máximo partido desta oportunidade de valorização pessoal, em termos linguísticos, culturais, educativos e também comportamentais (atendendo ao facto de estimular a capacidade de adaptação a novos contextos).

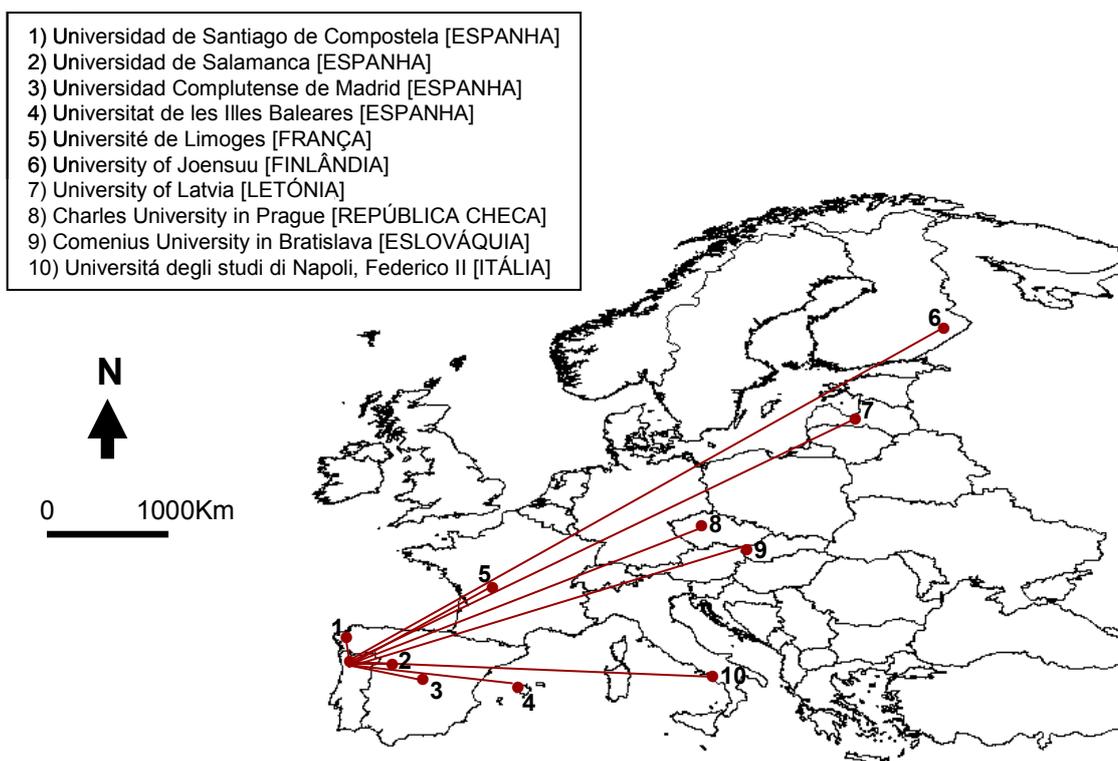
Figura 2. Alunos de saída Sócrates/Erasmus da Licenciatura em Geografia e Planeamento de 1999/2000 a 2006/2007, segundo a duração do intercâmbio



Fonte: dados recolhidos junto do Gabinete de Relações Internacionais da Universidade do Minho

A rede de protocolos de cooperação académica para intercâmbio de estudantes do Departamento de Geografia da Universidade do Minho é composta por 10 Universidades europeias (Figura 3). É uma rede de cooperação académica não muito vasta na medida em que se trata de um Curso iniciado apenas em 1996 e em cujo Departamento leccionam apenas 12 docentes (a selecção das Universidades estrangeiras que assinaram este protocolo resulta em grande parte de contactos que provêm das redes de relacionamento académico deste grupo restrito de docentes). Contudo importa destacar que, apesar de restrita, trata-se de uma rede territorialmente dispersa, abrangendo não apenas países próximos (como a Espanha e França), mas também Universidades Nórdicas (Finlândia), assim como do Centro e Leste Europeu (República Checa, Eslováquia, Letónia), bem como do Sul da Europa (Itália). É por isso uma rede que não sendo extensa consegue traduzir a grande diversidade cultural e linguística que caracteriza a União Europeia.

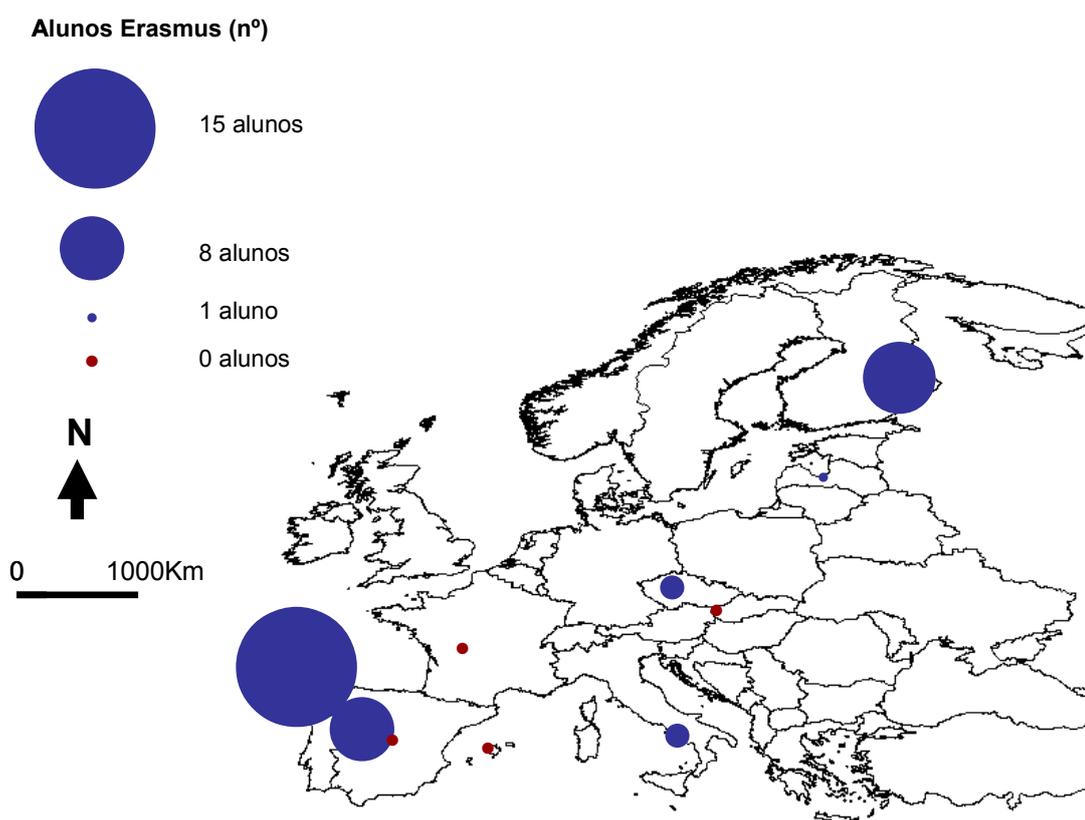
Figura 3. Rede de Universidades com protocolo de intercâmbio de estudantes Sócrates/Erasmus com a Licenciatura em Geografia e Planeamento, em 2006/2007



Fonte: dados recolhidos junto do Gabinete de Relações Internacionais da Universidade do Minho

Uma análise às preferências dos alunos na escolha das Universidades de destino para a sua mobilidade académica permite verificar que 4 das 10 hipóteses de destino não tinham ainda sido utilizadas pelos alunos deste curso até 2006/2007 (Figura 4). As Universidades mais próximas são muito atractivas (sobretudo a Universidade de Santiago de Compostela), especialmente por permitir intercalar visitas a/de familiares e amigos durante o intercâmbio, para além de uma semelhança do custo de vida entre a Galiza e o Norte de Portugal. Todavia importa ter presente que a proximidade geográfica não é o único factor que condiciona a escolha do destino do intercâmbio, uma vez que o segundo destino preferido por parte destes alunos é a Universidade de Joensuu na Finlândia, o que denota a sua vontade (sobretudo aqueles cujas famílias possuem uma condição económica mais favorável) de explorarem uma realidade muito distinta em termos linguísticos, culturais, paisagísticos e sobretudo em termos de desenvolvimento sócio-económico.

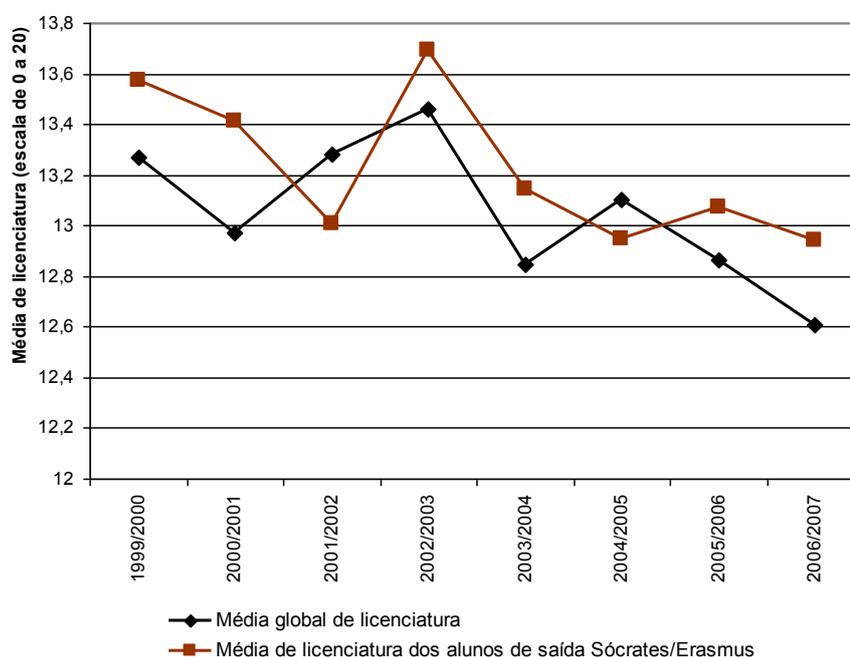
Figura 4. Universidades de destino dos alunos de saída Sócrates/Erasmus da Licenciatura em Geografia e Planeamento, de 1999/2000 a 2006/2007



Fonte: dados recolhidos junto do Gabinete de Relações Internacionais da Universidade do Minho

Uma análise das classificações académicas obtidas pelos alunos de saída Erasmus permite verificar que, em quase todos os anos lectivos considerados, a média final de licenciatura destes alunos é superior à média global de licenciatura (Figura 5). Numa primeira análise tal facto poderia enunciar uma maior apetência para a mobilidade internacional por motivo de estudos por parte dos alunos com melhores resultados. Todavia constata-se que as melhores médias de licenciatura são, em grande parte, conseguidas devido aos resultados obtidos durante o intercâmbio académico (Figura 6).

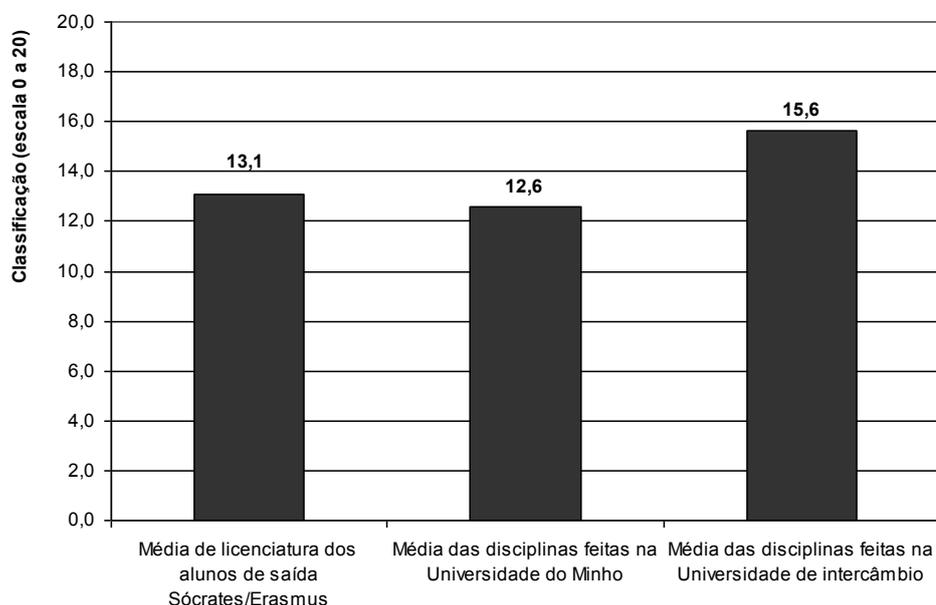
Figura 5. Evolução comparada das médias de licenciatura em Geografia e Planeamento, de 1999/2000 a 2006/2007



Fonte: dados recolhidos junto do Gabinete de Relações Internacionais da Universidade do Minho

Numa escala de 0 a 20 a média das classificações obtidas nas disciplinas efectuadas na Universidade de destino é superior em 3 valores à média das disciplinas concluídas na Universidade do Minho, por parte destes 39 alunos de saída Erasmus. Esta diferenciação pode dever-se à articulação de três factores principais: um menor nível de exigência na avaliação dos alunos Erasmus; um maior empenho e dedicação por parte destes alunos durante o intercâmbio pelo receio de uma maior dificuldade de aprendizagem em matérias leccionadas numa língua diferente; mas também pelo facto de em muitas Universidades de destino as classificações finais serem atribuídas numa escala diferente (com menos níveis de classificação comparativamente à escala de 0 a 20 utilizada em Portugal), o que acaba por ser vantajoso para os alunos no momento da atribuição das equivalências (tende a ser-lhes atribuído o limiar máximo da classe de classificação a que se convencionou equivaler o resultado obtido na universidade de destino).

Figura 6. Classificações obtidas na Universidade de origem e de destino dos alunos de saída Sócrates/Erasmus da licenciatura em Geografia e Planeamento



Nota: classificações médias obtidas no período de 1999/2000 a 2006/2007

Fonte: dados recolhidos junto do Gabinete de Relações Internacionais da Universidade do Minho

4. Principais motivações e expectativas face à mobilidade internacional por motivo de estudos

A previsão de eventuais benefícios futuros em termos profissionais esteve presente, nos antigos alunos entrevistados, enquanto motivação determinante para a decisão que tomaram de efectuar parte dos seus estudos superiores numa Universidade estrangeira. Vários referiram que procuraram com esta experiência uma forma de alargar os seus conhecimentos sobre Geografia e Planeamento, sobretudo por via de um enriquecimento curricular com a frequência de matérias distintas das abordadas na Universidade de origem.

“A principal motivação que me levou a realizar o intercâmbio foi a possibilidade de passar por uma experiência que me parecia bastante enriquecedora e importante para alargar horizontes quanto à formação académica e pessoal, tendo em conta aspectos tão variados como: a possibilidade de frequentar uma universidade com larga experiência no ensino da Geografia; ou a possibilidade de frequentar disciplinas que não encontrava na universidade de origem, assim como adquirir uma visão mais alargada quanto a determinadas matérias”.

(Patrícia Pinto)

Esta intenção de explorar as vantagens deste programa de mobilidade para diversificar os conhecimentos adquiridos durante a formação académica foi, nalguns casos, motivada por uma intenção declarada de perseguir uma especialização de conhecimentos, que se previa ser útil no momento de entrada no mercado de trabalho. Utilizar este programa de mobilidade para ter possibilidade de frequentar uma Universidade de excelência em determinado campo do conhecimento geográfico (adquirindo conhecimentos específicos sobre tecnologias e metodologias de trabalho que se supunham úteis quando procurassem emprego no país de origem) foi, nalguns casos, uma decisão estrategicamente tomada para facilitar um posterior ingresso profissional na área de trabalho pretendida.

“Encontrei cadeiras na área de vulcanologia, sismologia e geologia marinha em universidades Italianas. Sendo açoriana, o enquadramento dessas cadeiras pareceu-me o mais enriquecedor a nível de currículo, principalmente quando tinha o propósito de regressar para o mercado de trabalho açoriano. [...] A escolha da Università degli Studi di Napoli Federico II em particular teve a ver com a oferta de cadeiras, professores reconhecidos internacionalmente na área, o facto de estarmos no sopé de um Vulcão e na proximidade do mar, para mim, um enquadramento perfeito.”

(Beatriz Campos)

Todavia, importa referir que na análise efectuada às respostas obtidas destacam-se, na maioria dos entrevistados, sobretudo motivações relacionadas com uma valorização pessoal associada ao contacto com outras realidades culturais, com uma outra cidade, com uma outra língua, e até com um outro modo de organização da sociedade. A possibilidade de ‘alargar horizontes’ e aprender ou aperfeiçoar o domínio oral e escrito de outra língua foi um aspecto muito valorizado no momento de decidirem viver num outro país da União Europeia. Por outro lado, refira-se que para além do contacto com os residentes da cidade de destino, o Programa Erasmus iria-lhes permitir também a possibilidade de estabelecerem contactos inter-culturais, em virtude da interacção com outros estudantes provenientes de outros países e que tinham também escolhido a mesma Universidade de acolhimento para o seu intercâmbio.

“A ideia era conhecer um país diferente de Portugal, conhecer uma nova cultura e pessoas de todas as partes do mundo.”

(Abílio Cruz)

“O que me levou a escolher a Finlândia foi o facto de este ser, dentro do leque de escolhas, o país que menos conhecia. [...] Com a Espanha e Itália temos a mesma base linguística, o latim, logo as dificuldades iriam ser poucas. França não me motivou, apesar do meu francês estar mais “enferrujado” que o inglês. Então optei pela Finlândia, a língua era-me totalmente desconhecida, bem como a gastronomia e os costumes.”

(Ana Norte)

Este espírito mais aventureiro de descoberta de contextos sócio-culturais diferentes do conhecido, e de estímulo à aprendizagem de uma nova língua, não é contudo transversal a todos os antigos alunos. Importa referir que existem também aqueles que estavam sobretudo motivados com a possibilidade de enriquecimento curricular e não tanto com o desafio de enfrentar grandes diferenças culturais.

“Uma razão que pesou bastante [na escolha da Universidade de Santiago de Compostela] foi a língua, uma vez que não queria ir para um país em que tivesse a dificuldade de a perceber e escrever.”

(Maria Jesus)

“Querida ir para um país e Universidade da qual já tivesse algum conhecimento. O conhecimento da língua e dos professores da universidade de destino (Universidade de Santiago de Compostela) também foi um factor de ponderação.”

(Artur Figueiredo)

Em termos do grau de cumprimento das expectativas iniciais existe um consenso muito generalizado quanto ao facto de se ter tratado de uma experiência muito positiva, quer ao nível pessoal quer ao nível académico. As trocas de impressões antes da partida com colegas que anteriormente já tinham efectuado um intercâmbio Erasmus colocou as expectativas destes alunos muito elevadas, contudo a maioria deles refere que essas expectativas não só foram cumpridas como superadas.

“Quanto às expectativas, essas foram superadas. A experiência foi mais enriquecedora do que imaginava. Adaptei-me muito bem, conheci muitas pessoas, aprendi facilmente a língua, visitei muitas cidades. Enfim, foi e continua a ser a fase mais marcante da minha vida.”

(Filipa Jordão)

“Este programa de mobilidade proporciona uma experiência sem dúvida inigualável. Foi certamente a cereja no topo do bolo ao longo do meu percurso académico.”

(Romão de Matos)

Todos os entrevistados repetiriam a experiência de mobilidade, e quando referem mudanças que eventualmente introduziriam na experiência que tiveram, destacam o sobretudo o prolongamento da estadia (alguns teriam hoje optado por um intercâmbio anual e não semestral), ou o facto de que teriam hoje arriscado mais optando por uma Universidade de destino mais distante e que lhes permitisse um maior desafio no contacto com uma realidade sócio-cultural mais distinta da portuguesa.

“Provavelmente arriscaria a ir para outra universidade mais distante, num país com uma culturas mais distante da portuguesa, potenciando esta experiência de aprendizagem cultural, pessoal e académica.”

(Matilde Rosas)

“Se fosse hoje repetiria a experiência, embora procurando um país mais distante e com menor afinidade social e cultural em relação a Portugal, ou seja, arriscaria um pouco mais, procuraria ter uma experiência de intercâmbio de maior desafio.”

(Patrícia Monteiro)

5. Barreiras à mobilidade internacional de estudantes

Questões de ordem financeira, decorrentes da necessidade de suportar muitas vezes um custo de vida superior no local de destino, condicionam a participação nestes programas de intercâmbio. Contudo as bolsas de mobilidade atribuídas a estes alunos viabilizam a realização destes intercâmbios, ajudando a suportar as despesas extraordinárias decorrentes da mobilidade, nomeadamente os custos suplementares associados ao facto deste período de estudos decorrer no estrangeiro¹¹.

Foram também referenciadas barreiras de ordem mais burocrática associadas a questões administrativas, sobretudo quando é necessário introduzir alterações no Contrato de Estudos estabelecido entre a Universidade de origem e a Universidade de destino. Por outro lado, foi também referido a ocorrência, por vezes, de atrasos na posterior concessão das equivalências entre as disciplinas efectuadas no estrangeiro e as que compõem o plano de estudos da licenciatura em ‘Geografia e Planeamento’.

Para além destas barreiras, as principais dificuldades sentidas no processo de intercâmbio são reconhecidas como constituindo simultaneamente os principais desafios destas experiências. A fase inicial de aprendizagem de uma outra língua e de adaptação individual (quase sempre sem qualquer auxílio) a uma outra cidade e a uma outra instituição universitária, são descritos como sendo os momentos mais difíceis. Contudo, é através da superação destas dificuldades, que acabam por se atingir alguns dos mais importantes resultados deste período de permanência no estrangeiro. Nomeadamente o desenvolvimento da capacidade de adaptação, flexibilidade, autonomia e iniciativa.

“Em termos de autonomia este tipo de experiência dá-nos uma grande segurança a nível pessoal.”

(Ana Deus)

¹¹ O Programa Erasmus não atribui bolsas de estudo mas sim bolsas de mobilidade, ou seja são apoios financeiros que não se destinam a suportar aquele tipo de despesas que os estudantes teriam normalmente de fazer na Universidade de origem.

“Com esta experiência tive a possibilidade de testar os meus limites e de me conhecer melhor.”

(Ana Norte)

6. Novas competências desenvolvidas no contexto da mobilidade internacional de estudantes

Destacam-se agora as principais competência desenvolvidas durante o intercâmbio Erasmus e que, na perspectiva dos entrevistados, tiveram uma influência mais positiva ao nível do posterior ingresso e progressão da sua vida profissional.

Competências no domínio de novos conhecimentos técnico-científicos

A aquisição de conhecimentos complementares aos adquiridos em Portugal foi, nalguns casos, determinante na futura inserção profissional. A possibilidade de aplicar esses conhecimentos científicos e tecnológicos adquiridos no estrangeiro é uma mais valia que distingue positivamente estes antigos alunos Erasmus por parte das entidades empregadora.

“O currículo obtido em Nápoles fez considerar a integração de uma atípica licenciada em Geografia e Planeamento num ambiente mais propício a geólogos e engenheiros geólogos [...]. Já conto com nove anos no Centro de Vulcanologia e Avaliação de Riscos Geológicos [CVARG] da Universidade dos Açores.”

(Beatriz Campos)

Competências no domínio escrito e falado de outra língua

A necessidade destes estudantes em estudar e obter aproveitamento (em exames escritos ou orais) numa língua diferente, associada à necessidade de autonomamente ultrapassarem os diversos constrangimentos associados à adaptação a uma outra cidade e a uma outra Universidade, desenvolvem nestes alunos novas capacidades no domínio oral e escrito de outra língua, inclusivamente num campo mais técnico e científico. A aquisição desta nova competência é em alguns casos auxiliada pela frequência de um curso de línguas, organizado pelas Universidades de destino para facilitar o acolhimento dos estudantes Erasmus. Importa ainda referir que para além do domínio da língua do país de destino, o contacto e a interacção com estudantes de outros países, que escolheram a mesma Universidade de destino para o seu intercâmbio, estimula também capacidades de expressão oral noutros idiomas.

“A língua italiana passou a fazer parte do meu currículo, o dialecto napolitano da minha vivência, para além disso, vivendo num apartamento com estudantes de outras nacionalidades foi também útil o meu conhecimento em francês, alemão, inglês e espanhol, principalmente no início em que todos tinham alguma dificuldade em comunicar em italiano.”

(Beatriz Campos)

“Era frequente recorrer ao inglês para comunicar com outros alunos de intercâmbio, não tão familiarizados com os idiomas (Castelhano e Galego) da Universidade de acolhimento.”

(Patrícia Monteiro)

“Melhorou muito a minha capacidade de entender os outros e de me fazer entender aos outros em inglês. A dada altura já pensava em inglês e entendia tudo que se dizia e falava sem ter de pensar.”

(João Jardim)

Competências em termos do desenvolvimento da capacidade de autonomia e iniciativa

Estas capacidades foram desenvolvidas na generalidade dos estudantes entrevistados, embora de uma forma mais evidente junto daqueles que não tiveram a necessidade de sair de casa dos pais no momento de entrada par a Universidade. De um modo geral este intercâmbio serviu para desenvolver níveis de maior independência e iniciativa, quando se trata de enfrentar problemas imprevistos.

“Na altura já me considerava autónomo em muitas questões mas o que é certo é que nada comparado com a vida que tive na Finlândia em que tinha que fazer e decidir desde a mais pequena da tarefa à maior.”

(Aires Morais)

“Esta experiência Erasmus contribuiu de forma decisiva para uma consciencialização pessoal de que a adaptação a uma vida longe da família e amigos é possível. [...] Testou a minha resistência e amadureceu a minha personalidade. Tratou-se, sem dúvida de um período de aprendizagem também a nível emocional.”

(Matilde Rosas)

Competências no aprofundamento de capacidades relacionais

A capacidade de adaptação a novos contextos passa em grande medida pela facilidade de interacção e relacionamento. O período de intercâmbio é considerado de grande relevância em termos relacionais e no desenvolvimento de capacidades de convivência e socialização, sobretudo com pessoas até então desconhecidas e de outras culturas, o que em alguns casos estimulou sentimentos de maior auto-confiança. Por outro lado, o intercâmbio permitiu também alargar as redes de contactos destes estudantes para além das fronteiras do seu país, o que se revelou importante não só em termos pessoais, pois para além do surgimento de novas

amizades (com quem mantêm contactos e visitas mais ou menos regulares) foram também estabelecidos outros contactos que, em alguns casos, foram já benéficos em termos profissionais.

“O intercâmbio serviu para travar conhecimentos com estudantes estrangeiros e estudantes da minha nacionalidade mas de outras universidades. Contactos esses que ainda hoje subsistem.”

(João Moreira)

“A participação no intercâmbio teve influência no meu percurso profissional pois foi uma forma de eu alcançar um maior conhecimento sobre mim e sobre os meus limites, o que me tornou uma pessoa mais confiante e com mais à vontade.”

(Ana Norte)

“Mantenho contacto mais ou menos estreito com grande parte dos conhecimentos que fiz durante o meu intercâmbio, seja com os estrangeiros seja com os locais. Regresso com alguma frequência a Nápoles e tento sempre estar com grande parte deles, rever vizinhos e amigos. Também já tive oportunidade de trabalhar com colegas e professores daquele período.”

(Beatriz Campos)

Competências em termos de uma maior capacidade de empenho e dedicação a objectivos

Para muitos estudantes o intercâmbio coincidiu com o último ano da licenciatura e a decisão de participar nesta mobilidade foi tomada, face aos pais, com a garantia que esta experiência não atrasaria a conclusão da licenciatura. Este comprometimento obrigou a um maior esforço e empenho para não colocar em risco a entrada no mercado de trabalho.

“Provei a mim mesma que tenho capacidade de iniciativa e que com dedicação tudo seria possível. Esta experiência tornou-me mais confiante.”

(Joana Peixoto)

7. Repercussões profissionais do intercâmbio Erasmus

Esta experiência de intercâmbio tem influência nalgumas opções tomadas em termos de continuidade do percurso académico. Em alguns casos os conhecimentos mais especializados adquiridos na Universidade de destino ditaram a escolha do Mestrado efectuado posteriormente. Noutros casos a experiência de residência no estrangeiro foi decisiva para tomar a decisão de efectuar um Mestrado fora do país, em vista à obtenção de uma maior qualificação e especialização profissional.

“Este intercâmbio foi a porta de abertura para posteriormente fazer um mestrado em Barcelona, considero que se não tenho tido este ano de experiência através do programa Sócrates/Erasmus não me aventuraria a fazer um mestrado fora do país [...] distante dos meus familiares”

(Ana Deus)

“As cadeiras que frequentei em Nápoles foram importantes para enriquecer a minha formação específica na área que susteve a minha candidatura ao mestrado em Vulcanologia e Riscos Geológicos em que ingressei nesse mesmo ano na Universidade dos Açores. Mais acrescento que o mestrado nunca tinha feito, até então, parte dos meus planos de percurso académico, e o enveredar pela carreira de investigação deveu-se mormente à influência dos professores que me acompanharam em Nápoles durante o meu ano curricular como estudante Erasmus.”

(Beatriz Campos)

Quanto à transição entre a vida universitária e o mercado de trabalho importa referir que a experiência de intercâmbio foi percebida, por alguns dos entrevistados, como benéfica no processo de procura de emprego. Alguns dos entrevistados revelaram inclusivamente que este intercâmbio lhes criou uma maior predisposição para a procura de emprego fora de Portugal.

“O intercâmbio Erasmus aumentou os níveis de confiança, determinação e perseverança na busca de um emprego. E nas poucas entrevistas que tive que dar, e sempre que fui avaliado pelo currículo, sinto que valorizaram o facto de ter estado na Finlândia a estudar.”

(Aires Morais)

“Relativamente à procura de emprego, senti que o facto de ter realizado este intercâmbio contribuiu para uma valorização do meu Curriculum... esse facto foi abordado nas entrevistas.”

(Matilde Rosas)

“Nas entrevistas de emprego foi sempre sublinhada por parte da entidade empregadora a ideia de que a minha experiência de Erasmus era uma mais-valia.”

(Lucília Lara)

“Uma parte da entrevista que fiz para o emprego que tenho actualmente foi sobre a minha experiência no intercâmbio, e questões relacionadas com a cidade onde eu estive e trabalhos académicos que efectuei no intercâmbio. Futuramente se tiver de procurar o trabalho, sem duvida nenhuma que colocarei também Espanha como uma alternativa.”

(Maria Jesus)

“No início coloquei a hipótese de procurar emprego no estrangeiro, especialmente pela experiência que tive durante o programa Erasmus e porque vi que tinha à vontade e autonomia suficiente para viver e trabalhar num outro país, mas entretanto é um projecto adiado.”

(Ana Norte)

Alguns dos conhecimentos e competências desenvolvidas durante o intercâmbio revelaram-se também úteis no desempenho profissional subsequente, não só por terem possibilitado o domínio de áreas de maior especialização, mas também porque o desenvolvimento de competências linguísticas e relacionais para a interacção ter viabilizado a participação em projectos transnacionais de trabalho.

“A influência do programa Erasmus foi importante para mim também do ponto de vista profissional. No meu anterior emprego, onde estive ano e meio (operador de veículo cartográfico para empresa Teatlas), trabalhei exclusivamente fora de Portugal em mais de uma dezena de países da União Europeia. O facto de ter feito Erasmus, ter viajado bastante nesse período e ter facilidade em comunicar com estrangeiros foi uma mais-valia para conseguir o meu anterior emprego.”

(João Jardim)

“A questão da competência linguística tem sido fundamental para a interoperabilidade nos projectos multinacionais, onde tenho estado inserida. [...] Sem dúvida que o que aprendi nas diferentes cadeiras que frequentei em Erasmus já teve efeito nos diferentes trabalhos que produzi. A formação obtida foi uma mais-valia para o desempenho actual das minhas funções.”

(Beatriz Campos)

“O envolvimento, por motivos de trabalho, em projectos de cooperação transfronteiriça (Norte de Portugal-Galiza) acaba por ser indirectamente facilitado pelas experiências vividas durante alguns meses na Galiza.”

(Patrícia Monteiro)

Em suma, há um claro reconhecimento de diversas vantagens associadas a esta mobilidade ao nível da subsequente inserção profissional, o que leva todos os entrevistados a referirem que repetiriam novamente a experiência, aconselhando frequentemente amigos a efectuarem um período de mobilidade académica. Os benefícios são muito variados e referem-se sobretudo à aquisição de novos conhecimentos, experiências de vida, e competências, mas também vantagens mais colectivas e genéricas, proveitosas para um melhor funcionamento da sociedade, e que decorrem sobretudo dos intercâmbios culturais que se proporcionam e que trazem consequências muito positivas no respeito e tolerância pela diversidade cultural e pelo Outro.

“Eu acredito que este tipo de programas são mais-valias para os cidadãos e para as sociedades, a curto, médio e longo prazo. Acredito que com a massificação de programas destes a nível global poderíamos ter um mundo com mais paz, tolerância e solidariedade. Na minha opinião estes programas de intercâmbio, quer ao nível internacional quer ao mesmo ao nível nacional, deveriam ser alvo de forte aposta pelo poder político no imediato.”

(João Jardim)

Bibliografia

- Altbach P (2004) Higher education crosses borders, *Change*, Vol. 36, N. 2, pp. 18-25.
- Bracht O; Engel C; Janson K; Over A; Schomburg H e Teichler U (2006) *The professional value of ERASMUS Mobility*. Kassel, International Centre for Higher Education Research.
- CE – Comissão Europeia (2009-a) Erasmus atinge 2 milhões de estudantes. *Press releases*, IP/09/1204 de 30 de Julho de 2009.
- <http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/09/1204> [Acedido a 12 de Setembro de 2009]
- CE – Comissão Europeia (2009-b) Erasmus programme: new figures on participation, *Memo*, 09/355 de 30 de Julho de 2009.
- Kehm B (2005) The contribution of International Student mobility to human development and global understanding, *US-China Education Review*, Vol. 2, N. 1, pp. 18-24.
- IPOET - International Programme Office for Education and Training (ed.) (2001) *From Individual Development to Employability*. Stockholm, International Programme Office for Education and Training.
- Mechtenberg L; Strausz R (2007). The Bologna process: how student mobility affects multi-cultural skills and educational quality, *International Tax and Public Finance*, Vol. 15, N. 2, pp. 109-130.
- OECD (2002) *International Mobility of the Highly Skilled*. Paris, OECD Publications Service – Organisation for Economic Co-Operation and Development.
- Teichler U (1996) Student mobility in the framework of ERASMUS: findings of an evaluation study, *European Journal of Education*, Vol. 31, Nº 2, pp. 153-179.
- Teichler U (2001) Why Mobility? What We Know and What We Do Not Know, in: IPOET-International Programme Office for Education and Training (ed.) (2001) *From Individual Development to Employability*. Stockholm, International Programme Office for Education and Training, pp. 6-20.
- Tremblay K (2002). Student Mobility between and towards OECD Countries, in OECD (2002) *International Mobility of the Highly Skilled*. Paris, OECD Publications Service – Organisation for Economic Co-Operation and Development, pp. 39-70.
- Verbik L; Lasanowski V (2007) *International Student Mobility: patterns and trends*. London, The Observatory on borderless higher education.